

O MISTÉRIO DAS
QUATRO
ESTAÇÕES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Roriz, João Pedro

O mistério das quatro estações / João Pedro Roriz. Ilustrações:
Francisco Veiga. - São Paulo : Paulus, 2026.
II. (Coleção Teens)

ISBN 978-85-349-6541-5

1. Literatura infantojuvenil brasileira I. Título II. Série

26-2988

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil brasileira

Coleção **TEENS**

- *Medo da chuva*, Heloísa Parenti
- *No clarão das águas*, Jorge Fernando dos Santos
- *Érica e seus caminhos de amor*, Lúcia Pimentel (eBook)
- *Olhando para o outro lado*, Júlio Emilio Braz
- *As duas vidas de Helena*, Angela Leite de Souza
- *O Galha: o menino de rua*, Lourdes Carolina Gagate
- *Gorrinho, uma loucura crônica*, João Pedro Roriz
- *Gorrinho 2: o mistério está no ar*, João Pedro Roriz
- *Rettiru*, Cesar Obeid
- *Memórias de um aluno totalmente dividido*, Alex Gomes
- *Gudrun: a princesa de Campo Belo*, Taciana Ottowitz
- *João bobo, João esperto*, Sérgio Merli
- *O avarento e a árvore de dinheiro*, Christiane Angelotti
- *Rios sedentos*, Roniwalter Jatobá
- *Viagem à Montanha Azul*, Roniwalter Jatobá
- *O mistério das quatro estações*, João Pedro Roriz
- *Expulso*, Ricardo Ramos Filho

JOÃO PEDRO RORIZ

ILUSTRAÇÕES: FRANCISCO VEIGA

O MISTÉRIO DAS QUATRO ESTACIONES



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Tatianne Francisquetti

Revisão

Tiago José Risi Leme

André Odashima

Tarsila Doná

Design

Victoria Cristina Eduardo

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6541-5

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	9
---------------------	----------

PRIMEIRA PARTE: VERÃO.....	11
-----------------------------------	-----------

21 de dezembro de 1984 a 20 de março de 1985

SEGUNDA PARTE: OUTONO.....	33
-----------------------------------	-----------

21 de março a 20 de junho de 1985

TERCEIRA PARTE: INVERNO	51
--------------------------------------	-----------

21 de junho a 22 de setembro de 1985

QUARTA PARTE: PRIMAVERA.....	77
-------------------------------------	-----------

23 de setembro a 21 de dezembro de 1985

EPÍLOGO.....	123
---------------------	------------

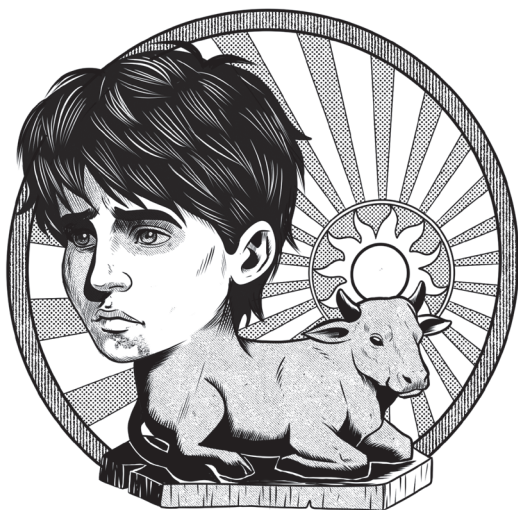
PARA BRUNO,
ETERNIZADO AOS 19 ANOS.

PRÓLOGO

Tinha 15 anos em 1985, quando protagonizei esta história. A despeito de suas virtudes literárias, foi vivida no dia a dia, na desordem cronológica de meus desenganos juvenis. Agora, passados tantos anos, não tenho mais fôlego para contá-la, tampouco tenho lágrimas para chorar por causa deste sacerdócio memorialista. Senti que era hora de plantar essa semente na terra de forma definitiva e ver nascer uma árvore que homenageie a amizade. Essa árvore não se dismantelará com a chegada do outono. Reinará através do tempo e levará ao destino de todos nós o meu testemunho sobre esperança, amor e fé.

Binho

Agosto de 2015



PRIMEIRA PARTE: VERÃO

21 de dezembro de 1984 a 20 de março de 1985

Rumar na incerteza sempre foi meu esporte favorito. Enquanto meus amigos buscavam conquistar resultados em jogos cheios de normas, regras e objetivos, eu gostava da anarquia das dúvidas ocasionada por leituras diárias, fosse durante as manhãs entediadas de cerração, durante as noites horripilantes de silêncio ou nas tardes escaldantes de calor.

— O sol está fraco agora, Binho. Já pode sair! — dizia minha mãe, angustiada por me ver trancafiado no quarto, enquanto meus amigos faziam estripulias na rua.

Naquele tempo, adolescentes de cidades pequenas eram como crianças — espécimes de faíscas que hoje estão ameaçadas de extinção. Mesmo que ninguém nos contasse o motivo, intimamente sabíamos que nossos corpos não podiam mais se misturar como antigamente. Havia um acordo tácito entre meninos e meninas, entre pernas, braços, bocas e olhos. Cabelos se embaralhavam de vez em quando em alguma brincadeira. Mãos também, mas em uma versão um pouco mais íntima de nossas cumplicidades. Verdade seja dita: apesar de discretos, meus olhos naquela época eram como beija-flores famintos. Aline possuía postura alva de quem não pede, sentenciar. Era esguia e seu corpo parecia mármore. Verônica tinha óculos de guerrilha, cabelos com cortes retos e sede de participação. Ana era metade “não sei” e metade “quem sabe”. Estava sempre em cima do muro, livre, como os gatos vira-latas. Cecília, por sua vez, era a visão de uma orquestra quando, para este espectador, resta apenas uma única cadeira na arquibancada do Teatro Municipal. Nos cabelos vivos, o crepúsculo; nos olhos, espécie de tristeza intrínseca; na boca, uma rosa tímida; nas bochechas, sardas sem beijos. Sua testa encaixaria em meu queixo, como quebra-cabeça. Eu não tinha dúvidas quanto a isso, pois, volta e meia, nos colocavam frente a frente em alguns jogos de cabra-cega. Nos braços ainda estabanados de

quem nunca amou, a verdade crua de sua beleza física. Eu perdia mais tempo naquela época pensando em seus pés do que em minha própria jornada diante do destino. Assistir ao balé de Cecília era como ser parte de algum plano divino. Meus olhos saltavam junto com seus pés paralelos e encontravam as rendas de sua saia. Seu desempenho no papel principal de minha peça teatral mal havia começado; o teatro mal havia entoadado os três primeiros toques e eu já me sentia comovido por não poder me aprisionar em seu colo. Apesar de ser solto na literatura, eu era cativo da menina que me cativava, era Virgílio em noites de inspiração, Fausto durante um ataque de pânico, Poliana em dia de Natal.



Hoje, percebo que aquele mundo era como as indígenas cobiçadas por Cabral. Qualquer navegador mal-intencionado poderia ancorar sua nau naquele universo de ingênua felicidade e destruir — com maldicência, vírus da gripe e vertigens de outros mundos — essa fantástica visão do paraíso. Meus amigos eram portos seguros — ancoradores feitos de madeira rústica, com suas rachaduras, pregos e nós. Suavam nos jogos, sangravam nos combates, dormiam a céu

aberto e alimentavam o sonho de se tornar gigantes em terra de anões.

De todos, o que eu mais admirava era Conrado. Em seu retiro hospitalar, tinha o peito coberto de meda-lhas, mesmo sabendo que o fio dourado que lhe dava a vida se afinava cada vez mais diante dos olhos marejados de sua mãe.

— Como se sente hoje, Conrado? — a pergunta insistente e diária.

— Estou bem melhor. Meu médico disse que o tumor regrediu. Tenho esperanças de voltar para casa até o final do ano.

No braço esquerdo de Conrado, havia um grande curativo. Foi ali, num sinal de nascença, que o câncer se originara.

— Que bom! — disse animado. — Estou com saudades.

Emocionalmente, estava preso ao dia em que Conrado me pedira para raspar sua cabeça. Naquela ocasião, ainda perturbado com as surpresas negativas que me rasgaram o coração, indaguei:

— Quer ficar careca, Conrado?

— Sim, é bem essa a intenção.

Posso dizer com tranquilidade que jamais conheci Conrado. A despeito de nossos primeiros passos, de nossas primeiras palavras, de nossos berços tão amigos,

percebo que, com esses poucos anos de convivência, jamais tive condição de saber quem era aquele jovem de cabelos castanhos e porte majestoso.

— Seu queixo está branco, cara! — disse Conrado, seu dedo no furinho do meu queixo.

— É o vitiligo — respondi.

Desde pequeno, sofro com as manchas em meu corpo. Agora, haviam tomado grande parte do meu peito e avançavam para o rosto.

— Todas as vezes que me irrita, ganho uma nova marca na cara — expliquei irritado.

— Quisera eu ter vitiligo — sorriu Conrado, revelando cansaço.

Percebi que o horário de visitas do hospital não era um bom momento para falar sobre doenças. Pedi um milhão de desculpas.

— Não precisa se desculpar! — disse Conrado, socando meu ombro. — Você se irritou com o quê?

— Com o Alexandro.

Eis um pirata. Não poderia ser comparado aos velejadores do Velho Mundo que dominaram e exploraram novos continentes. Não! Tratava-se de um corsário, desses bem estúpidos, que saqueiam a cidade e sequestram mulheres em troca de bebida, ouro e fumo.

— O que ele fez dessa vez? — indagou Conrado, ligeiramente entediado.